

**FRAGMENTOS DO EU, PEDAÇOS DO OUTRO: UM OLHAR DESVIANTE NO *FIN DE SIÈCLE* VITORIANO EM *THE STRANGE CASE OF DR. JEKYLL AND MR. HYDE*, DE ROBERT LOUIS STEVENSON.**

Luís Flávio Sieczkowski  
Centro Universitário da Cidade - UniverCidade

Em resumo, eis o mistério dionisíaco: enfrentar coletivamente, pela pluralidade dos afetos e dos corpos, o problema intransponível do limite. (MAFFESOLI, Michel. *A sombra de dionísio*: contribuição a uma sociologia da orgia. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985. p. 49)

Conforme se tem informação a respeito da biografia de Robert Louis Stevenson, ele teria deixado de lado a respeitabilidade familiar para ingressar numa vida boêmia, já que a vida sórdida da cidade e os personagens bizarros que ele conheceu serviriam como ricos elementos em suas últimas histórias (Cf. Introdução a STEVENSON, 1994).

Stevenson nasceu num período de grandes mudanças em suas diversas esferas sociais. Elaine Showalter explica que os períodos finiseculares parecem não apenas sugerir como também intensificar as crises existentes e que a História nos lembra que depois da revolução vêm o terror e a decadência. O termo *fin-de-siècle* teve origem na França, no século XIX, na década de 80, e se espalhou rapidamente pela Europa e Estados Unidos. As linhas de separação seculares não passam de fronteiras imaginárias no tempo. As crises do *fin de siècle* são mais intensamente vividas com um significado simbólico e histórico, na medida em que nós as revestimos com as metáforas da morte e do renascimento, geralmente ligadas às décadas finais. Os mitos e as metáforas não podem ser separados da nossa compreensão histórica da experiência finisecular, porque eles são parte dela (Cf. SHOWALTER, 1995: 2-3).

Robert Louis Stevenson parece comungar da compreensão que Michel Foucault tem acerca da história:

(...) Aceitarei os conjuntos que a história me propõe apenas para questioná-los imediatamente; para desfazê-los e saber se podemos recompô-los legitimamente; para saber se não é preciso reconstituir outros; para recolocá-los em um espaço mais geral que, dissipando sua aparente familiaridade, permita fazer sua teoria. (FOUCAULT, 1987: 30)

Embora a Inglaterra tenha se mostrado grande perante o mundo, foi bastante natural que uma série de manifestações sociais se fizesse presente como resposta a diversas formas de pensar já ultrapassadas pela nova Era Vitoriana (Cf. ABRAMS, 1993). Robert Louis Stevenson estava em consonância com as manifestações desviantes do seu século não apenas por ter escolhido um estilo de vida marginal, bem como por ter criado uma narrativa enigmática e labiríntica como *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*.

Os anos 80 e 90, nas palavras do romancista George Gissing, eram décadas de “anarquia sexual”, quando todas as leis que governavam o comportamento e a identidade sexual pareciam estar desabando. Durante este período, as palavras “feminismo” e “homossexualidade” começaram a ser utilizadas. O medo também rondava as portas domiciliares, trazendo o repúdio às mulheres emancipadas que pudessem ter os seus filhos fora do casamento, numa união irregular, ou ainda pior, que não tivessem filho algum. (Cf. SHOWALTER, 1995: 3). Talvez Stevenson estivesse sentindo um terrível mal-estar ao viver numa sociedade onde mulheres e homossexuais fossem vistos como seres estranhos e marginais.

O final de século também foi um período de escândalos sexuais envolvendo pessoas ligadas ao gerenciamento de bordéis e à prostituição infantil. Eles possibilitaram uma mudança ao nível da conscientização pública em torno da sexualidade e geraram, como dura resposta a esses fatos, campanhas sociais em nome da pureza, num sentido renovado de uma preocupação moral pública, assim como exigências, sempre efetivas, de uma legislação restritiva e de censura. Houve ocasiões em que os papéis de gênero eram discutidos publicamente, em forma de

espetáculo, sendo a vítima julgada e punida, conforme o seu grau de transgressão. Nestes casos, se fazia presente um apelo intenso no sentido de reafirmar a importância da família enquanto anteparo contra a decadência sexual. A emergência e a mediação da identidade homossexual moderna na década de 80 ganharam notoriedade pública com o julgamento e a condenação de Oscar Wilde em 1895. Na verdade, muitos ingleses olhavam os escândalos homossexuais das décadas de 80 e 90 como certos sintomas da imoralidade que assolaram Grécia e Roma. (Cf. SHOWALTER, 1995: 3).

A Era Vitoriana propiciou ao homem a possibilidade do encontro de um novo *eu*, melhor explicitado nas palavras de Félix Guattari e Suely Rolnik:

(...) A subjetividade está em circulação nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos: ela é essencialmente social, e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares. O modo pelo qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e de criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo que eu chamaria de singularização. (GUATTARI et ROLNIK, 1986: 33)

A forma de viver na Era Vitoriana foi digerida e transformada por alguns escritores ingleses como Oscar Wilde e Robert Louis Stevenson numa determinada forma de ser. Essa singularização é traduzida, no mundo homossexual vitoriano, numa subcultura secreta mas ativa, com linguagem, estilos, práticas e lugares de encontro bastante próprios. Para a maioria dos que faziam parte deste mundo, a homossexualidade representava uma vida dupla, em que um mundo diurno respeitável, geralmente envolvendo casamento e família, existia paralelamente a um mundo noturno de homoerotismo. De fato, o *fin de siècle* representou a idade áurea dos duplos sexuais e literários. Como se pode verificar no texto de Oscar Wilde, *The Importance of Being*

*Earnest*, levar uma vida dupla é chamado de “Bunburying” e representa a duplicidade a que estavam acostumados os homossexuais (Cf. SHOWALTER, 1995: 106).

Stevenson foi o grande nome finissecular da vida dupla. Em um ensaio sobre sonhos, ele descreveu a sua grande paixão em “encontrar um meio, um instrumento para aquele forte sentido de duplicidade humana” que ele sentira enquanto estudante em Edimburgo, quando sonhava então em levar “uma vida dupla – uma de dia, outra de noite”. A vida dupla do dia e da noite seria também a vida dupla do escritor, a separação entre realidade e imaginação (Cf. SHOWALTER, 1995: 106).

Se Stevenson tentava viver uma vida dupla, é porque, de alguma forma, tentava escapar à ordem do mundo, que representa, na visão de Guattari e Rolnik, um terreno estéril:

A ordem capitalística produz os modos das relações humanas até em suas representações inconscientes: os modos como se trabalha, como se é ensinado, como se ama, como se trepa, como se fala, etc. Ela fabrica a relação com a produção, com a natureza, com os fatos, com o movimento, com o corpo, com a alimentação, com o presente, com o passado e com o futuro - em suma, ela fabrica a relação do homem com o mundo e consigo mesmo. Aceitamos tudo isso porque partimos do pressuposto de que esta é a ordem do mundo, ordem que não pode ser tocada sem que se comprometa a própria idéia de vida social organizada. (GUATTARI et ROLNIK, 1986: 42)

Analisado sob este prisma, *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* pode ser lido como a descoberta e a resistência do “eu” homossexual. Ao contrário do que assistimos em filmes ou do que ficou retido no imaginário cultural popular, *Jekyll and Hyde* é uma história sobre comunidades de homens. Desde o momento de sua publicação, muitos críticos perceberam a “masculinidade” e até mesmo o monasticismo da estória (Cf. SHOWALTER, 1995: 107). No primeiro capítulo da estória, em “The Story of the Door”, o leitor é apresentado a um círculo de amizades habitado primordialmente pelo gênero masculino, como é o caso de Mr Utterson: *His*

*friends were those of his own blood, or those whom he had known the longest (...)*

(STEVENSON, 1994: 10). Dentre as relações de proximidade, destaca-se seu primo Mr Richard Enfield, com o qual formava um par em suas andanças londrinas:

It was reported by those who encountered them in their Sunday walks, that they said nothing, looked singularly dull, and would hail with obvious relief the appearance of a friend. For all that, the two men put the greatest store by these excursions, counted them the chief jewel of each week, and not only set aside occasions of pleasure, but even resisted the calls of business, that they might enjoy them uninterrupted (STEVENSON, 1994: 10).

É através do encontro de dois homens que surge a história da porta. Mr Enfield então pergunta: *‘Did you ever remark that door?’ he asked; and when his companion had replied in the affirmative, ‘It is connected in my mind,’ added he, ‘with a very odd story’* (STEVENSON, 1994: 11). As portas da estória são abertas por dois homens. Fato bastante significativo, na medida em que as personagens do texto são todos solteirões de meia idade que não possuem qualquer tipo de relação com mulheres. Os contatos emocionais são compartilhados entre eles mesmos e com Henry Jekyll. O romance de Jekyll e Hyde é expresso através de nomes masculinos, corpos masculinos e psiques masculinas. (Cf. SHOWALTER, 1995: 108).

Stevenson abre então as portas para a duplicidade que percorrerá a narrativa. Como explica Showalter, incapaz de unir-se a uma mulher ou homem, Jekyll se divide em dois e encontra em seu duplo o companheiro Edward Hyde. Jekyll é ao mesmo tempo par e ímpar, único e duplo. A necessidade que ele tem de levar uma vida de prazer sexual ilícito e, ao mesmo tempo, viver conforme os padrões morais severos da fria comunidade profissional o levou a uma “profunda duplicidade de vida”, acompanhada de “um quase sentido mórbido de vergonha” (Cf. SHOWALTER, 1995: 109).

Pode-se dizer que Stevenson, retomando a idéia platônica do mito do andrógino: ser dual, homem/mulher; homem/homem; mulher/mulher; cortado ao meio pelos deuses por lhes ameaçar com a sua perfeição, lê as relações entre Dr. Jekyll and Mr. Hyde como um efeito da duplicidade, como explica Platão: (...) *Cada um de nós é, portanto, como um sinal de reconhecimento, a metade de uma peça, visto que nos cortaram, como as solhas, em duas partes* (...) (PLATÃO, 1977: 50-51).

De fato, Dr Jekyll se fechara para o mundo, tanto física quanto psicologicamente, para buscar em si mesmo a totalidade do ser, a compreensão do desejo reprimido pelo social. Escreve então uma carta em resposta a Lanyon:

I mean from henceforth to lead a life of extreme seclusion; you must not be surprised, nor must you doubt my friendship, if my door is often shut even to you. You must suffer me to go my own dark way. I have brought on myself a punishment and a danger that a I cannot blame. If I am the chief of sinners, I am the chief of sufferers also. I could not think that this earth contained a place for sufferings and terrors so unmaning; and you can do but one thing, Utterson, to lighten this destiny, and that is to respect my silence.’ (STEVENSON, 1994: 42).

Dr. Jekyll se fecha para o mundo em resposta aos códigos morais de sua comunidade, rompendo com o já instituído:

The doctor, it appeared, now more than ever confined himself to the cabinet over the laboratory, where he would sometimes even sleep; he was out of spirits, he had grown very silent, he did not read; it seemed as if he had something on his mind. Utterson became so used to the unvarying character of these reports, that he fell off little by little in the frequency of his visits. (STEVENSON, 1994: 42).

Como explicita Elaine Showalter, a agitação e a ansiedade ressentidas pelos amigos solteirões do círculo de Jekyll refletem a compreensão mútua, senão tácita e muda, da “estranha

preferência” de Jekyll por Hyde. No início Utterson, Enfield e Lanyon pensam que Jekyll está “custeando” Hyde. Eles vêem que ele deixou um testamento de seus bens a um rapaz jovem e rude, que vai aonde bem entende, mantém pinturas de valor e outros presentes que ganhou de Jekyll em seu apartamento em Soho, dá ordens aos empregados e retira grandes quantias em dinheiro através dos cheques que ele assina. Embora inadequado, este jovem rapaz é o “favorito” de Jekyll, um termo que, conforme Vladimir Nabokov percebeu em sua leitura do romance, “lhe soa quase como um amante”. Mesmo quando Hyde é suspeito de ter cometido um crime, Jekyll tenta protegê-lo e explica: *I do sincerely take a great, a very great interest in that young man.* (Cf. SHOWALTER, 1995: 111).

A aparente fascinação de Jekyll por Hyde reflete a eroticização, no final do século dezenove, por parte da classe média alta, dos homens da classe trabalhadora como objetos homossexuais ideais, o que se poderia denominar a “transposição da barreira de classe”. Conforme aponta Showalter, Edward Carpenter sonhava em ser amado por “um pedreiro jovem, de pernas grossas, pele bruta e sensual, com uma tira ao redor do peitoral”, enquanto E. M. Forster criava fantasias em torno de um “homem jovem e forte da classe trabalhadora”. (Cf. SHOWALTER, 1995: 111).

Assim, a duplicidade é proposta como um embate contra *a idéia de uma subjetividade de natureza industrial, maquínica, ou seja, essencialmente fabricada, modelada, recebida, consumida* (GUATTARI et ROLNIK, 1986: 25). E o processo de singularização percebida em *Dr. Jekyll and Mr. Hyde* funde a noção da leitura nova, pois

A partir do momento em que os grupos adquirem essa liberdade de viver seus processos, eles passam a ter uma capacidade de ler sua própria situação e aquilo que se passa em torno deles. Essa capacidade é que vai lhes dar um mínimo de possibilidade de criação e permitir preservar exatamente esse caráter de autonomia tão importante. (GUATTARI et ROLNIK, 1986: 25)

As metáforas associadas a Mr. Hyde são aquelas da anormalidade, criminalidade, doença, contágio e morte. Elas sugerem a homofobia histórica do final do século dezenove. (Cf. SHOWALTER, 1995: 112). Tudo em torno dessa personagem se mostra negativa, como lemos a seguir:

Mr. Hyde was pale and dwarfish; he gave an impression of deformity without any namable malformation, he had a displeasing smile, he had borne himself to the lawyer with a sort of murderous mixture of timidity and boldness, and he spoke with a husky whispering and somewhat broken voice, - all these were points against him; but not all of these together could explain the hitherto unknown disgust, loathing and fear with which Mr Utterson regarded him. (STEVENSON, 1994: 13).

Hyde é apresentado com traços simiescos, pálido e inexpressivamente deformado, ecoando a imagem das aflições sifilíticas presentes nos textos médicos do século dezenove, e Utterson especula que Jekyll teria contraído uma doença de Hyde, “one of those maladies that both torture and deform the sufferer”, para a qual ele está buscando a droga como um antídoto. (Cf. SHOWALTER, 1995: 112-113). Entretanto, a metamorfose pela qual passa Dr. Jekyll é apenas a metáfora da liberação pessoal mais intensa e profunda de “eu” amaldiçoado pelos ditames sociais. Transformando-se, Jekyll revela seu verdadeiro interior: *My devil had been long caged, he came out roaring* (STEVENSON, 1994: 80).

Finalmente, o suicídio que põe fim à narrativa de Jekyll é a única forma de fechamento adequada ao Gótico Gay, onde a morte do protagonista é tanto martírio quanto retribuição. Aprender o segredo de Jekyll e Hyde conduz à morte. Isso destrói Dr. Lanyon, como mais tarde vai acontecer com Dorian Gray, que também causa o suicídio de vários homens e de si mesmo. Enquanto Jekyll tenta convencer a si próprio que o seu desejo é simplesmente um vício, um mau hábito que ele pode superar sempre que quiser, gradualmente consegue entender que Hyde é, na



verdade, parte dele. Num espasmo final de culpa homofóbica, Jekyll assassina sua outra “personalidade odiada”. A morte é a única solução para a “doença” da homossexualidade. (Cf. SHOWALTER, 1995: 113).

Como explicam Guattari e Rolnik, (...) *O desejo só pode ser vivido em vetores de singularidade* (GUATTARI et ROLNIK, 1986: 47). Mr. Hyde representa a vontade de expressar uma forma de viver não condizente com os movimentos sociais de sua época. Assim, o romance torna possível veicular a singularização do indivíduo. A relação Jekyll and Hyde, imaginada pelas personagens do romance como perigosa, sugere a possibilidade de uma ligação homossexual, à época desviante. Como percebem Guattari e Rolnik,

A evolução do romance como um todo pode ser remetida a essas diferentes tentativas de criação de sistemas de referência para os novos modos de produção da subjetividade. É interessante notar como os sistemas de modelização do romance estão sempre, de certo modo, relacionados aos sistemas de modelização do psiquismo. Freud sempre buscou suas referências na mitologia antiga, no entanto, ele as traduzia num certo tipo de romance familiar muito mais próximo da obra de um Goethe, por exemplo. Contudo, a meu ver, é evidente que os maiores psicanalistas não são nem Freud, nem Lacan, nem Jung, nem alguém desse gênero, mas gente como Proust, Kafka, ou Lautréamont. Eles conseguiram respeitar as mutações subjetivas muito melhor do que os empreendimentos de modelização pretensamente científicos. (GUATTARI et ROLNIK, 1986: 36)

Inclui-se nesta lista Robert Louis Stevenson.

## **Bibliografia**

- ABRAMS, M. H. (ed.) . *The Norton Anthology of English Literature*. New York: Norton, 1993.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- GUATTARI, Félix et ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

MAFFESOLI, Michel. *A sombra de dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

PLATÃO. *O Banquete*. Lisboa: Europa América, 1997.

SHOWALTER, Elaine. *Sexual anarchy*. London: Virago, 1995.

STEVENSON, Robert Louis. *The Strange Case of Dr Jekyll and Mr Hyde*. England: Penguin, 1994.